

Um índio na Funai. E com esperança

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

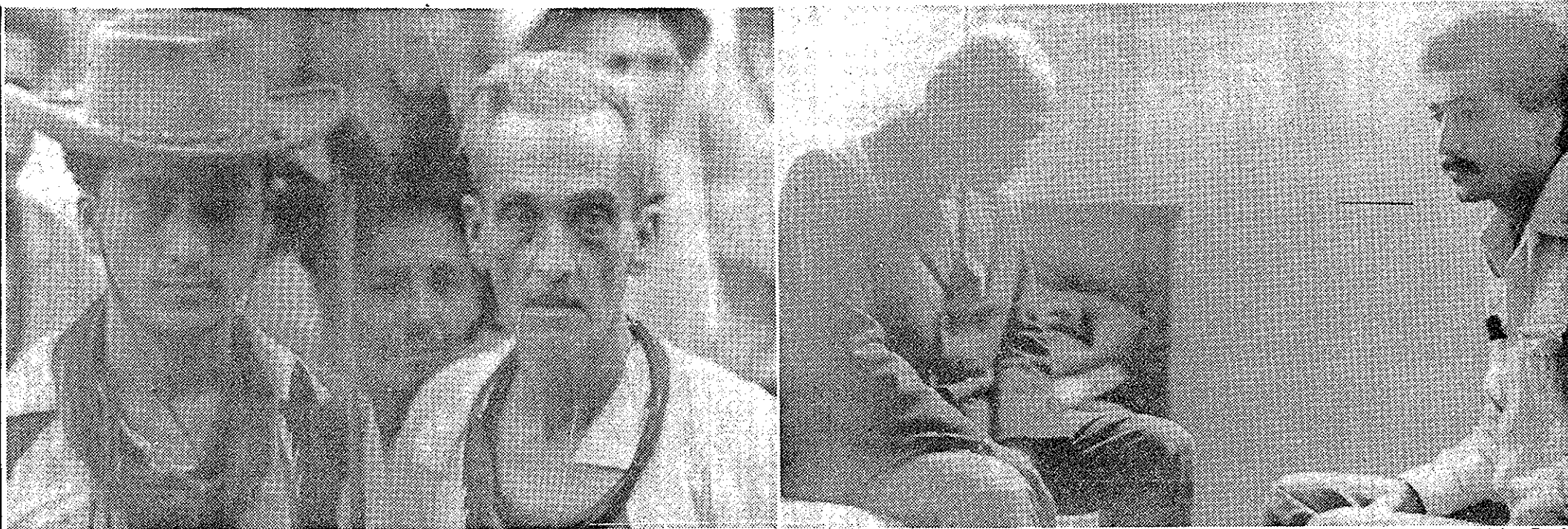
“A grande arma da democracia é o diálogo, o entendimento inclusive com as minorias. A truculência não é a arma da democracia e sim sua inimiga”, afirmou ontem o ministro do Interior, Ronaldo Costa Couto, em seu discurso durante a cerimônia de posse do novo presidente da Funai, Apoena Mierelles. Numa clara resposta ao ex-presidente da Funai, Alvaro Villas Boas, o ministro defendeu que “um governo, para ser forte, não tem que exercer o autoritarismo, mas sim a autoridade”.

Já o novo presidente da Funai, Apoena afirmou que aceitou o cargo “porque não podia deixar de correr o risco de tentar resolver o problema da Funai”. Caso contrário, estaria sendo omissa. Ao ser perguntado sobre a readmissão dos funcionários que foram afastados por Villas Boas, Apoena afirmou que vai examinar cada caso, mas se considera no direito “de trabalhar com quem bem entender”.

Numa cerimônia concorrida que contou com a presença de cerca de cem índios, Apoena afirmou que esta será, talvez, a missão mais difícil que vai enfrentar e que “mudar a Funai só será possível através de uma ampla reestruturação que possibilite maior funcionalidade. Os índios, muitos deles portando cocares e gravadores para acompanhar a cerimônia, pareciam satisfeitos com a indicação de Apoena, entre eles o cacique Aniceto, da tribo xavante. “Apoena — disse ele — nasceu numa tribo de índios. Agora, vamos ver como ele vai trabalhar na Funai e quem ele vai nomear para os cargos”.

Em seu discurso, cheio de recados dirigidos a Alvaro Villas Boas, o ministro Costa Couto disse que as pessoas costumam culpar os índios por estarem em Brasília em grande número. “Mas devo aqui resgatar a verdade. Em grande parte, os índios que permanecem em Brasília, hoje, estão em busca de soluções de problemas legítimos que não conseguem resolver nas delegacias da Funai”.

A mesma posição foi defendida por Apoena Mierelles, após a cerimônia de posse. Ele afirmou que não pretende forçar os índios a deixarem Brasília e que isso ocorrerá normalmente com o processo de descentralização da Funai que ele pretende desenvolver. Afirmou, ainda, que não se deu um prazo para que os problemas da Fundação sejam resolvidos: “Na Funai, são as contingências que determinam este prazo e a permanência dos dirigentes em seus cargos”. Ele explicou que a questão do índio, no Brasil, do ponto de vista jurídico, já está resolvida, pois existe a Lei nº 2.001, o Estatuto do Índio, mas não está equacionada no aspecto administrativo.



Com o pai, há 17 anos, Apoena fez o primeiro contato com tribo arredia; mais tarde, o encontro com outro Apoena, o velho cacique xavante

Apoena, um passado de resistência

ELIANA LUCENA

Nascido há 36 anos numa aldeia xavante em Pimental Barbosa, no Mato Grosso, filho do legendário sertanista Francisco Meirelles, assumiu ontem a presidência da Funai o sertanista Apoena Meirelles, 17 anos após ter feito seu primeiro contato com uma tribo arredia, os índios cinto-larga de Rondônia, Estado onde passou parte de sua vida trabalhando com os índios cinto-larga e suruí, grupos pelos quais ele nunca escondeu a sua preferência. Criticado por algumas correntes do indigenismo, que o encaram como representante de um indigenismo conservador e ultrapassado, e também por ter mudado diversas vezes das áreas onde atuava, em função de seu temperamento inquieto, Apoena assume um órgão que ele afirma ser hoje inviolável, enquanto não sofrer um processo de descentralização.

Em 1972, durante o governo Médici, Apoena com seus relatórios contundentes, dirigidos ao temido presidente da fundação na época, general Bandeira de Mello, iniciava junto com outros sertanistas uma resistência contra a política de integração da

Amazônia, que atingia as aldeias com a abertura de rodovias na mata. Em 1972 ele dizia, num de seus relatórios sobre o seu trabalho no parque indígena do Aripuanã, em Rondônia: “Até algum tempo atrás o trabalho no parque estava tranquilo, a pacificação dos índios seguindo seu curso normal. Depois, as terras dos nossos índios foram invadidas, eles passaram pelo sarampo trazido pelos colonos, e eu não sei se passaram pela gripe, tuberculose e catapora. Enfim, em menos de quatro anos de trabalho de atração, as terras já começaram a ser devastadas e as epidemias deixaram as suas marcas”.

Nessa ocasião, ele foi afastado do cargo pelo general Bandeira de Mello, deslocado para a frente de atração de Itaituba, no Amazonas, e em seguida foi dar apoio ao trabalho de atração dos índios crenhacore, na rodovia Cuiabá — Santarém, que vinha sendo conduzido pelos irmãos Cláudio e Orlando Villas Boas. O contato de Apoena com os Villas Boas é antigo, mas algumas divergências dividiram os Villas Boas e os Meirelles. O velho Chico Meirelles defendia o trabalho de preparo do índio para o inevitável contato com a

sociedade envolvente, enquanto os Villas Boas achavam que os índios deviam ser preservados ao máximo desse confronto de civilizações que deixaria o índio em condição de inferioridade.

Após trabalhar com os Villas Boas, o sertanista Apoena passou por várias outras experiências de contato, com os índios zoro e uru-uau-uau de Rondônia e ava-canoeiros, em Goiás. Trabalhou também nas áreas dos índios walmiri-atroari em Rondônia, responsáveis por dezenas de massacres antes e durante a construção da rodovia que ligou Manaus a Boa Vista. Voltou a entrar em atrito com a direção da Funai durante a administração do coronel Nobre da Veiga, no governo passado, retornando à Funai a convite do presidente Otávio Ferreira Lima. Ainda durante o governo Figueiredo, quando a Funai chegou a ter seis presidentes, Apoena foi atropelado pelas correntes que divergiam de sua linha de trabalho, e que assumiram a direção do órgão, junto com Jurandy Marcos da Fonseca, que prometeu “limpar” a Funai, acabando com a época dos generais e coronéis que comandaram

a política indigenista, desde a criação da fundação.

Apoena não esconde o seu ressentimento contra estes indigenistas. Ele compara as divergências que ocorrem hoje no indigenismo à situação vivida pelas esquerdas no País. “Nos dois movimentos — assinala — não se chega nunca a uma unidade, a uma composição.” Para ele o indigenismo romântico dos anos 70, que era a tônica de seus relatórios dirigidos à Funai, chegou ao fim, assim como o trabalho do sertanista, que aos poucos deverá conformar-se com uma função burocrática e ser substituído pelos índios que, segundo ele, em breve, não mais precisarão de porta-vozes, como sertanistas, antropólogos e indigenistas. “O índio — observa o sertanista — já está falando por si, e se prepara para não mais aceitar a tutela do Estado”.

Algumas frases do novo presidente da Funai sobre índios e indigenistas:

“Acho que durante o tempo duro de repressão, em que não havia liberdade de imprensa, o índio funcionou como válvula de escape para indigenistas e para a imprensa que estava

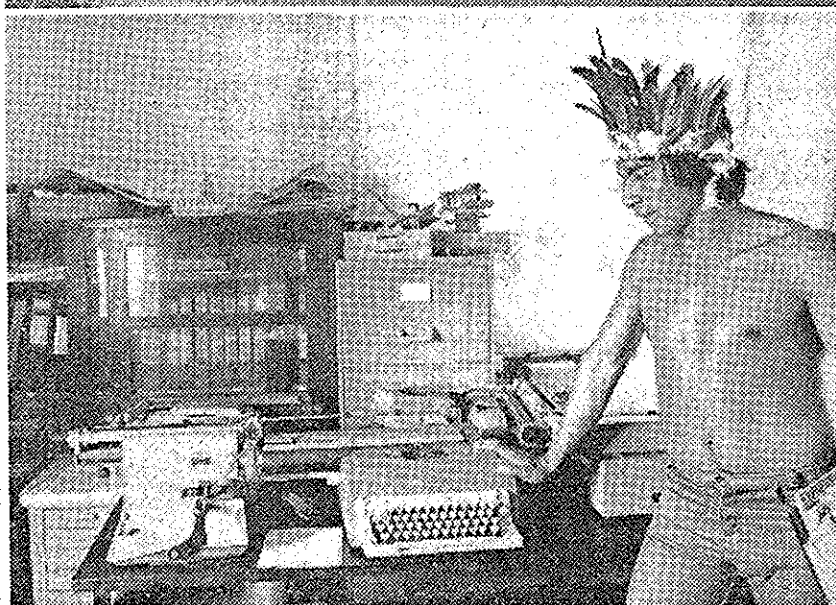
impedida de publicar quase tudo o que se passava no País”. (1985)

“Possidônio Bastos acreditava no seu trabalho, amava os índios e, quando foi atacado pelos índios cinto-larga, dormia desarmado. A morte desse companheiro, no entanto, não serviu para que fossem tomadas medidas para deter o processo crescente de invasão do parque, o que coloca em risco a vida dos homens de mata que trabalham comigo.” (1971)

— “Os sertanistas Cláudio e Orlando Villas Boas só conseguiram manter os índios do Parque do Xingu isolados até agora, porque ninguém descobriu por lá riquezas como a cassiterita, como ocorreu no parque indígena do Aripuanã.” (1973)

— “Para mim Jurandy Marcos da Fonseca, ex-presidente da Funai, foi o maior chefe da história do indigenismo e, no entanto, contou até com o apoio da imprensa. Ele nunca me enganou e os fatos posteriores comprovaram isto. Ele e seus assessores tentaram resolver os problemas da Funai a seu modo. Agora é a vez da administração Alvaro Villas Boas.” (1985).

(Ag. Estado/Brasília)



A invasão da delegacia de Londrina, uma das crises

Ministro mostra as divergências

JOSÉ MARIA MAYRINK
Enviado especial

Quem conhece a fama de Alvaro Villas Boas — de um homem franco, conservador e autoritário — entendeu certamente as indiretas do ministro do Interior, Ronaldo Costa Couto, quando ele disse ontem, na posse de Apoena Meirelles, que na Nova República e na Funai não há lugar para pessoas truculentas e inimigas da democracia. O ministro reteria-se, sem dúvida, à atitude de Alvaro Villas Boas, que, durante os dois meses em que ocupou a presidência da Funai, criticou a presença constante de centenas de índios em Brasília e negou-se a despachar em seu gabinete enquanto capitães e caciques de tribos assediavam a sua mesa.

Branco e índios aplaudiram as palavras de Costa Couto (os índios chegaram de ônibus especial ao ministério, convocados para a cerimônia), mas ficaram um tanto desapontados quando ouviram Apoena afirmar que a Funai não tem condições de funcionar com sua atual estrutura e precisa ser descentralizada — exatamente a mesma proposta de Villas Boas.

As críticas se concentram agora em dois episódios (uma discussão no gabinete do ministro e o anúncio de um pedido de demissão que segundo Alvaro não existiu), mas os problemas começaram muito antes, logo depois de sua posse no início de setembro, quando demitiu 14 funcionários da antiga equipe, fechou as delegacias de Londrina e Salvador, negou-se a tratar com comissões indígenas em Brasília e denunciou supostas manipulações políticas e desvio de dinheiro.

Londrina era sede de delegacia desde o ano passado, quando Alvaro foi demitido em Bauru, depois de criticar a direção da Funai. O presidente, na época, Jurandy Marcos da

Fonseca, transferiu a delegacia para Londrina, subordinando a ela os quatro postos de São Paulo — as áreas dos índios guaranis, caingangues e terenas de Araribá, Icatu, Vanuíre e Peruíbe. Cornélio Vieira de Oliveira e José Araújo Filho assumiram a direção da delegacia.

“A primeira coisa que o sr. Alvaro fez, ao ser nomeado presidente da Funai — disse Cornélio em Londrina —, foi demitir a mim e ao Araújo, em represália pelas nossas divergências no passado. Os índios ocuparam a sede da Funai no mesmo dia e impediram a posse de nossos substitutos, Gilberto Borges e Sérgio Bunge, que levaram uma surra. Essa violência não se justifica, mas se explica pela mágoa que os índios guardavam da administração passada. A medida seguinte foi a extinção da delegacia de Londrina”.

Alvaro Villas Boas e sua equipe acusaram Cornélio, Araújo e outros funcionários de terem tramado a ocupação da sede de Londrina e o espantamento de Gilberto e Sérgio, que apanharam diante da imprensa e da televisão. E estenderam a mesma acusação aos outros demitidos e a seu grupo, quando os índios ocuparam também a delegacia de Salvador.

Segundo Villas Boas, os funcionários afastados passaram a instigar os índios em toda parte, dentro de um plano mais amplo, de conotação política e marxista, cujo objetivo era desestabilizar o País. “sendo a Funai apenas uma parte disso, como sabem todos os órgãos de segurança”.

Em Londrina, o índio José Atanásio Verigipi Marins, vice-presidente do Conselho Indígena do Norte do Paraná pela tribo caingangue, negou qualquer manipulação:

“Sabemos quem é ele, Alvaro Villas Boas, que sempre usou o índio, ele e seus irmãos. Nunca fizeram o que o índio quer. E ainda manda delegado sem consultar os índios.

Quando chegamos aqui e encontramos Gilberto e Sérgio na sala da delegacia, demos uns tapas neles e fomos mesmo jogá-los pela janela. Mas não deixaram. Índios aprenderam violência foi na televisão e vendo a discussão dos brancos nas ruas.

É uma generalização injusta essa acusação de Atanásio e nem todos concordam com ela. O próprio Cornélio fez questão de dizer que “a culpa não é tanto do sr. Alvaro, mas dos assessores dele”, enquanto o advogado Vitorio Cosmantino (“estou defendendo os índios de graça, não me venham falar em dinheiro”) tratava de resguardar Cláudio e Orlando Villas Boas, dizendo que “Alvaro se fez à sombra deles”.

A polícia federal abriu inquérito sobre a invasão da Funai e indiciou seis índios pela agressão. Mas o delegado Luiz Serafim Dias informou que não havia qualquer indício de participação ou manipulação de terceiros. “Ainda que se possa admitir a hipótese de interesses políticos no movimento”. O arcebispo de Londrina, d. Geraldo Agnelo Magela, apoiou os índios.

Se a invasão da Funai em Londrina e Salvador pesou na demissão, há também outras razões que só agora começam a aparecer. Alvaro Villas Boas cobrou a divulgação dos resultados de uma auditoria feita antes de sua posse, quando recebeu um déficit de Cr\$ 9 bilhões, vindo da administração passada. “Como já era coisa da Nova República, o ministro achou melhor não publicar”, disse ele, criticando também a implantação do Polo Nordeste, financiado pelo Banco Mundial junto à rodovia Cuiabá-Porto Velho-Rio Branco.

Alvaro Villas Boas saiu exigindo mais autoridade e denunciando corrupção, mas a imagem que vai ficar dele, nesse primeiro momento, é a de um homem autoritário e avesso ao diálogo. Na sua opinião, “uma grande injustiça”.

Villas Boas condena “irresponsabilidade”

Afirmando que não pediu demissão da Funai, e sim foi demitido pelo presidente José Sarney, fato que lhe foi comunicado pelo ministro do Interior, Ronaldo Costa Couto, de forma “deselegante” pelo telefone, o ex-presidente da Funai Alvaro Villas Boas reuniu a imprensa ontem pela manhã para falar sobre o seu afastamento. “A Funai é um retrato em miniatura do Brasil — afirmou — é o próprio caos. A irresponsabilidade que caracteriza o governo brasileiro se reflete na Funai. Estamos na pré-história em matéria de responsabilidade de governo.” Sobre a indicação do atual superintendente da Funai, Apoena Meirelles, para substituí-lo, Villas Boas afirmou que, embora seja amigo do sertanista, ele não conseguiu resolver o problema da Fundação, que é de ordem estrutural.

“O governo não tem condições,

não tem capacidade para resolver a questão do índio — disse ele — e, além do mais, não há uma intenção política de se mudar a Funai.” Magoadado com Costa Couto, ele afirmou que o ministro “quis usar o nome dos Villas Boas para fins políticos”, acrescentando que não está revoltado, mas sim decepcionado com o País, “onde ninguém assume nada”.

“O ministro Costa Couto não entende nada de índio — salientou — e não dá apoio a quem pode fazer alguma coisa.” Ele criticou a falta de apoio de outros ministros para a causa indígena, citando, particularmente, o ministro da Justiça, Fernando Lyra, que não mobilizou a polícia federal para conter as invasões das delegacias da Funai em Salvador e em Londrina. “Aos poucos, a ordem estará tão subvertida — advertiu —

que chegaremos a uma situação de caos total na Funai. O ministro do Interior quer tratar o problema do índio da mesma forma conciliatória pregada pelo presidente Tancredino Neves, mas ele não faz idéia de como são as pessoas que eu demiti da Funai e que, agora, jogaram o índio contra mim. São pessoas desclassificadas, que fazem do índio um instrumento para ganhar dinheiro”.

Villas Boas também não poupou críticas às entidades de apoio ao índio, como a Pró-Índio, o Conselho Indigenista Missionário e a União das Nações Indígenas. “Estas entidades estão conseguindo acabar com o índio” — acentuou. “São subvenções com dinheiro que chega do Exterior através da Misericórdia, Caritas e outros grupos interessados em abrir as áreas indígenas para a ação

das multinacionais. Eles querem formar nações indígenas dentro de uma única nação, que é o Brasil. Estas pessoas estão conseguindo virar filhos contra os pais, como vem ocorrendo entre os índios caiaçós do Sul do Pará em função do ouro que está saindo das áreas indígenas.

Sobre a ocupação da sede da Funai, em Salvador, Villas Boas defendeu enfaticamente a emancipação de todos os índios do Nordeste. “Ninguém vai me convencer de que há índio no Nordeste afirmou. Pataxó não é índio, é baiano, e essa gente está comendo o dinheiro do povo brasileiro. Como presidente da Funai não poderia falar isto, mas agora como não sou mais presidente, graças a Deus, eu posso. Vocês acham que eu devo considerar Saracura, líder dos pataxós que chegou a trabalhar na

Volkswagen em São Paulo, como índio? Entre os 1.400 pataxós que a Funai está sustentando existem, na realidade, apenas 35 índios”.

Voltando a criticar o governo, Villas Boas afirmou que este “é o governo mais fraco que o País já teve, desde Tomé de Souza, porque não tem autoridade” para intervir quando precisa. “O governo precisaria reformular a Funai — disse ele — dando autoridade e apoio ao seu presidente”. O ex-presidente da Funai não aceita ser chamado de reacionário por defender uma atitude energética do governo nas áreas indígenas. “É preciso de homem para resolver o problema do índio. Não temos este homem, nem ministro, nem governo. Tudo o que está aí é uma farsa”.

“Nenhum país consegue resolver nada, se não houver disciplina” — concluiu.

E.L.



Foto Sérgio Borges - Telefoto Estado
Alvaro Villas Boas